

Magnífico Reitor, Prof. Mestre Jairo José Campos da Costa; meu querido Alexandre Holanda Diretor Artístico da Diteal, Felipe, nesta mesa representando o setor do áudio-visual alagoano; querida Rosário, chefe do setor acadêmico; Carlito Lima, representante dos amigos da Avenida da Paz; querida Mãe Miriam, aqui representando as religiões de matriz africana.

Ilustre Carlos José Fontes Diegues, Cacá Diégues

Meu caro Cacá, esta é uma noite de júbilo, e, uma noite de júbilo, não apenas para você, mas para todos nós alagoanos que nos regozijamos com a tua presença, pois, mesmo sendo de nossa iniciativa a ortoga do presente título, acredito estar sendo este desejo, não apenas um desejo meu, mas um desejo de muitos, e, se hoje estamos aqui reunidos em uma homenagem a sua trajetória, este ritual, não se consuma nesta noite, mas que ele continuará para sempre em nossas mentes e em nossos corações, posto que, ao longo de décadas, através de cinema, você tem nos revelado os sonhos, os caminhos e as esperanças nas entranhas da modernidade, de nossa modernidade.

Todavia, pontuar a tua memória aqui e agora, é também resgatar as reminiscências da nossa cidade, enquanto uma cidade banhada e atravessada pela azulação do mar e pela morenidade das águas lacustres; pontuar a tua memória, é recordar o riacho Salgadinho em suas águas cristalinas e recordá-lo enquanto um recanto de meninos e nas travessuras de meninos a brincar aos arredores do armazéns de açúcar no velho e secular Jaraguá; resgatar a tua memória, é resgatar a pulsação das

ruas do comércio e ainda, do velho São Luís, espaço da geração de teu desejo na produção de imagens.

No entanto, destaquemos, ao pontuar a tua memória, esta homenagem, atravessa o tempo, e enquanto homenagem ela se estende a tua linhagem de alagoanos ilustres, e, ilustres não apenas por títulos e honrarias, mas ilustres pelo amor às entranhas das Alagoas, pois, se foi o teu avó, Manoel Diégues Junior um dos fundadores de nosso ensino formal, a mesma linhagem de erudição e desvelamento das Alagoas permaneceu em teu pai, Manoel Diégues Júnior. À eles, Alagoas tem um dívida imensa, impagável. Foram eles desbravadores do que estamos já algum tempo a identificar de uma Alagoas Profunda, enquanto uma Alagoas para além dos dados estatísticos e cerimonialismos, de uma Alagoas enfim, vivenciada em suas entranhas, pois, na verdade, neste duzentos anos de Alagoas enquanto um espaço autônomo, Alagoas tem se revelado enquanto um esfinge, sempre e cada vez mais a ser decifrada. Afinal, de que modo situar as razões pelas quais, a nossa pequena Alagoas venha se revelando ao longo do tempo, através das personas de presidentes, políticos e artistas e pensadores de todas as linhagens?

É que Alagoas é um nunca acabar, e, quando você a pensa por baixo ela está por cima, quando você procura nos lados ela está no centro e quando você pensa sertão ela acaba no molhado. É que existe em nossa Alagoas um beleza de perdição, uma beleza que se espalha por diferentes geografias que se esgarçam na proliferação de suas cores, na escuta de seus cantos, na sinestésias de suas culinárias, na afetação de seus batuques, na ressurgência de suas etnias indígenas, e, de uma Alagoasde um pulsar de vida que, por todos os lados e para além de todas as belezas e dores espalhadas, estar sempre a multiplicar uma alegria que nos

escapa, sobretudo as alegrias das culturas populares, e, quando, alternativamente, também ela, Alagoas também se reveste de dores, têm sido sempre, sempre os artistas, os seus poetas e as suas culturas populares que nos revelam o sentido mais profundo de estarmos aqui, de vivermos aqui e de cantarmos daqui, a singular presença de sermos alagoanos.

Rememorada em tuas entranhas Cacá, Alagoas, tem sido desvelada de uma forma agônica e plural através de tua trajetória imagética, pois, foi justamente através deste desvelamento que ela se revelou em teu cinema pela primeira vez na saga e tragédia palmarina em **Ganga Zumba** enquanto um registro de uma memória de infância, de tua infância, e, se em **A Grande Cidade** Alagoas transparece através dos de nossa secular violência, em **Joana a Francesa** – para além ou aquém das tragédias, – Alagoas vai se revelar exuberante e bela na reminiscência da rota Maceió-Marechal Deodoro pelos canais da lagoa Mundaú, e, nela ainda, a bela lenda da baronesa, e tão bela quanto profunda, Alagoas vai estar sendo revelada na exuberância de **Bay, Bay Brasil**, em um cenário atravessado por narrativa nômade por onde desfilam os miúdos dos colóquios, a exuberância das cores e as alegrias das culturas populares, em movimentos de resistência, e, vai ser a mesma exuberância e beleza que Alagoas também vai estar presente em **Quilombos** sobre a tragédia sempre inacabada de Palmares, ou ainda, em tua narrativa surreal e bela de **Deus é Brasileiro**, filmado em Piaçabuço, nas beiradas de do São Francisco, e, finalmente no **O Grande Círculo Místico**, a presença de uma **Alagoas** mágica através da fantasia do circo, e da multiplicação dos imaginários das músicas e da poesia fantástica de Jorge de Lima.

Todavia, para além das Alagoas, o teu cinema é um pulsar de vida iluminando os corações, de uma vida que nunca se entrega, pois, em tua narrativa, existe sempre uma celebração da vida se sobrepondo a morte. Afinal, como descrever no enquadramento de uma escrita ou da presente fala, o celebrar da vida em **Chuvras de Verão**? Como não se encantar com a alegria dionisíaca de tua estética em **Xica da Silva**? Como não se encantar com as alegorias e a sedução das culturas populares, as quais, ali e acola, que em teus filmes se insinuam por dentre as imagens e se sobrepõem as dores e os impasses do humano que todos somos?

É que, para além dos limites de qualquer historicismo, o teu cinema desde sempre tem sido, um cinema de esperança e de vida, e é justamente neste ponto, que se dá o encontro de tua trajetória e cinema com aquilo que Alagoas tem de mais profundo, no sentimento de uma Alagoas por dentro, de uma Alagoas, a qual, para além de seus alagoanos ilustres, repousa por dentre as tradições de suas culturas populares, um recanto de onde se prolifera toda a força e pulsão de tuas narrativas.

Cacá, neste duzentos anos deste celeiro de vida que tem sido Alagoas, o teu cinema, assim como Alagoas, é uma celebração de vida de uma alegria sem fim, pois, se como um dia disse o poeta Dirceu Lindoso ser Alagoas “o que se ama e dói”, vivamos e celebremos neste dia, a vida, a tua vida e a tua trajetória de estares aqui conosco na celebração de nossas vidas. Todavia, como alguém um dia indagou, replicamos: “(...) não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existe, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram?” Existe então em teu cinema, um sopro de alegrias e de esperanças das coisas e das vivências que um dia respiramos: as alegrias das culturas populares, e das

esperanças de um humano que transcende de alegrias os limites das dores.

Por tudo isto Cacá, imaginamos ser, esta noite, uma noite de jubilo e evoquemos aqui mais uma vez, as figuras de Manoel Diégues Junior, nas personas de teu avô e de teu pai, para que, na rememoração do passado, nós nos pensemos em uma Alagoas multicultural e enquanto um espaço possível, aonde, o pensar o futuro, sempre esteja aberto às diferenças, aonde o pensar no futuro, esteja sempre aberto às diferenças e para as vivências das tradições.

Desnecessário seria, embora o façamos, rememorarmos o reconhecimento público e da crítica especializada daqui e do além-mar de teu cinema para a reinvenção do Brasil e estética na modernidade estampada nas premiações de teu cinema internacionalmente premiado.

E então, uma pergunta poderia se impor: qual o sentido da presente comenda que a você agora se oferta? Diante de tua trajetória, qual o sentido deste título a te ortogada pela nossa pequena Uneal?

Meu caro Cacá, o sentido da presente ortoga por nosso Universidade, está partindo de uma instituição profundamente comprometida com o que há de mais profundo das Alagoas, posto, estar ela voltada para a educação dos moradores dos milhares dos sítios que se espalham aos arredores das cidades, uma universidade voltada para o ensino das etnias indígenas, e ainda, uma universidade voltada para o resgates das culturas negras e também, de agriculturas das pequenas das comunidades rurais de mandioca, uma universidade enfim, mergulhada em uma vivência em erosão na modernidade: a experiência.

Mas, meu caro Cacá, aqui estamos todos inseridos no tempo, e, se, como alguém um dia o disse que, “O ser se revela no tempo”, nele,

algumas coisas ficam e outras somem, e com certeza, neste sumidouro do tempo, aqui e agora, temos a certeza de que você Cacá, permanecerá para sempre, permanecerás enquanto artista, permanecerás enquanto homem e permanecerás por todo amor à vida que revelastes em tuas imagens e em tua trajetória.

Que viva então as Alagoas e que viva Carlos José Fontes Diegues, o nosso querido Cacá, e que você Cacá, disto temos a serena certeza, permanecerá conosco para sempre.